

DESCAMINHOS DA HISTÓRIA: RESSIGNIFICAÇÕES IDENTITÁRIAS EM IBIRAMA/SC DO *DEUTSCHTUM* À OKTOBERFEST

Carlos Eduardo Bartel *
Tiago Pedruzi**

O presente trabalho, desenvolvido no Campus Ibirama do Instituto Federal Catarinense, faz parte do Projeto de pesquisa intitulado “Lugares da Memória em Ibirama/SC”, que tem como objetivo analisar a preservação do patrimônio histórico-cultural em Ibirama e sua relação com a construção das identidades sociais e da histórica local.

A identidade de origem germânica como se conhece atualmente no Vale do Itajaí é uma invenção recente, que remete ao final dos anos 1960. Foi construída em conjunto pelo poder público municipal de Blumenau, em especial pela Secretaria de Turismo, e pelo empresariado local, tendo por objetivos fins econômicos e comerciais relacionados ao turismo, questão esta analisada por Flores (1997). Trata-se de uma construção intelectual sofisticada ao estilo dos nacionalismos europeus do século XIX, envolve fatos concretos e reais, bem como aspectos, simbólicos e imaginários. Tal afirmação não propõe nenhum juízo de valor, pois mesmo que exista um artificialismo nessa construção identitária e que as festividades estejam voltadas para o consumo turístico elas “marcam as diferenças em relação aos outros brasileiros, reafirmam valores culturais próprios. Não deixam de ser uma forma de renovação da distintividade” (SEYFERTH, 1994, p. 25).

A partir dessa reflexão é possível compreender que a construção identitária germânica idealizada não foi meramente um trabalho de gabinete, descolado de uma base sócio-cultural. Buscou seus fundamentos na imigração alemã, nas antigas sociedades dos imigrantes, como os clubes de canto, de caça e tiro e, sobretudo, em costumes importados de regiões específicas da Alemanha. Para isso, foram

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professor do Curso de Pós-Educação Interdisciplinar do Instituto Federal Catarinense (IFC), carlos.bartel@ifc.edu.br, o presente trabalho conta com o apoio do Campus Ibirama do IFC e com a colaboração da bolsista Maria Eduarda Sandner Buzana, aluna do 3º ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio.

** Doutorando em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professor do Curso de Pós-Educação Interdisciplinar do Instituto Federal Catarinense (IFC), tiago.pedruzzi@ifc.edu.br

misturados e difundidos valores considerados ideais do que significa ser de “origem alemã”. Dessa forma, os organizadores da primeira Oktoberfest de Blumenau, “Inspirados na Oktoberfest de Munique, realizada há 200 anos, [...] prometiam mostrar ao público ‘toda a tradição dos colonizadores alemães servida em desfiles alegóricos’” (FLORES, 1997, p. 14).

Além da criação identitária e da homogeneização cultural da identidade germânica, igualmente, cidades turísticas como Gramado, no Rio Grande do Sul, foram consultadas, servindo como referência para essa construção. Essa identidade “alemã” idealizada em Blumenau, seu centro difusor, foi exportada como referência e modelo a ser seguido para outros municípios da região.¹

Considerando tais apontamentos nossa análise, delimitada espacialmente ao município de Ibirama, antiga Colônia Hamônia, tem como propósito abordar as incongruências do encontro desse padrão identitário germânico idealizado com outra forma identitária teuto-brasileira, que por sua vez, passou a ser ressignificada em Ibirama a partir do final da década de 1940, quando se desvinculou de memórias traumáticas relacionadas à experiência do nazismo, do integralismo e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Nesse sentido, o presente trabalho, ao caracterizar três formas distintas de manifestação identitária de origem germânica, situadas em diferentes contextos históricos, mas que se aproximam e dialogam entre si em diferentes momentos, tem por objetivo analisar os processos de construção e de ressignificação dessas identidades em Ibirama, desde o início da colonização até os dias atuais. Para isso, investiga a trajetória e as formas pelas quais a identidade de “origem alemã” foi construída no município, quais símbolos materiais e imateriais foram utilizados para essas criações? Quais os caminhos percorridos e as transformações sofridas pela identidade de origem germânica ao longo do período abordado? E como esse passado tem sido apropriado e representado no município? Essas são algumas questões levantadas aqui a partir do trabalho de pesquisa e da análise de indícios em diferentes fontes documentais.

1. Os termos “alemão” e “germânico” são utilizados aqui indistintamente para se referir tanto aos imigrantes nascidos na região onde se constituiu a Alemanha, quanto aos seus descendentes nascidos fora dessa região.

Reconstruir o itinerário percorrido e verificar como foi construída e ressignificada a identidade de origem alemã, isto é, dos imigrantes alemães e seus descendentes, não é tarefa fácil, exige atenção por parte do pesquisador para as diferentes apropriações que são feitas sobre o passado.

O passado, objeto de estudo do historiador, não é palpável é uma representação do que aconteceu. Sua análise segue critérios metodológicos passíveis de comprovação que se distanciam da mera retórica ou do “resgate da história”, termo bastante comum entre leigos que se dedicam à pesquisa histórica. O historiador reconstrói o passado, que se mostra de forma incompleto, com lacunas e desvios, por vezes apagados da memória coletiva. Nesse sentido, a invenção das tradições pode ser entendida como a criação de normas e rituais que tem por objetivo estabelecer a ligação entre passado e presente, através de uma memória coletiva, de lembranças que nem sempre se situam no passado e as quais criam identidades. Assim, para buscar a compreensão dos fenômenos históricos cabe ao historiador separar história e memória, ainda que ambas insistam em andas juntas.

Para atingir nosso objetivo, consultamos fontes de pesquisa diversas como monumentos públicos e privados, comemorações e o patrimônio material e imaterial preservado no município, igualmente foram consultadas obras bibliográficas, fotografias e documentos históricos, localizados no Arquivo Público Municipal de Ibirama. Ainda do ponto de vista metodológico, a presente abordagem restringe-se espacialmente à região compreendida pelas terras da antiga Colônia Hamônia, tendo como marcos temporais sua criação no final do século XIX até 2017, quando o município realizou comemorações de sua fundação.

Do início da colonização até a emancipação em 1934

A origem do município de Ibirama, situado no Alto Vale do Itajaí, remete à fundação da Colônia Hamônia, criada pela Sociedade Colonizadora Hanseática, em 8 de novembro de 1897. Guiados pela noção do *Deutschtum* a colônia tinha entre seus propósitos receber imigrantes provenientes da Alemanha. Inicialmente colonizada por imigrantes e descendentes de origem alemã e suíça, a colônia prosperou até se emancipar de Blumenau, em 1934, fato que já apontava para os

novos ventos que sopravam no sul do Brasil, mas também para questões relacionadas com a política local.

Assim, a emancipação do município faz parte de um contexto maior, estava inserida em meio às disputas das oligarquias Ramos e Konder pelo poder político em Santa Catarina e com a Revolução de 1930, “os Ramos e seu grupo, há muito alijados das posições-chave na política catarinense, reconquistaram o poder” (GERTZ, 1987, p. 176). Nesse sentido, o desmembramento de Blumenau, importante centro político regional, foi uma das formas encontradas pela oligarquia Ramos para enfraquecer seus adversários. Seguindo essa perspectiva, em fevereiro de 1934, Aristiliano Ramos, Interventor Federal no Estado catarinense:

[...] decretou a desanexação de uma parte do município de Joinville e a subdivisão de Blumenau. Este último, que depois da separação de Rio do Sul, em 1931, ainda tinha aproximadamente 7.000 km², foi reduzido a 1.650 km², surgindo os novos municípios de Gaspar, Indaial, Timbó, Dalbérgia. A população deste último foi punida, adicionalmente, com a mudança do nome tradicional do lugar (Hamonía), medida revogada posteriormente (GERTZ, 1987, p. 177).

Em maio de 1935 o município passou novamente a se chamar Hamônia, alterando seu nome para Ibirama em 1943, devido à Campanha de Nacionalização. Ibirama, uma palavra de origem indígena, escolhida para atender a normativa nacionalista, acabou servindo para realçar a imagem de seus habitantes como uma população de caráter pacífico e conciliador, apagando e amenizando, assim, um passado de conflitos entre colonos e indígenas.

Até 1934, o distrito de Hamônia, havia sido uma próspera e tranquila colônia alemã, sendo tal tranquilidade quebrada com sua emancipação. Seu novo nome desagradou a Sociedade Colonizadora Hanseática, que repudiou o ato de desmembramento de Blumenau. Bruno Meckien, seu Diretor “criticou asperamente o fato de ter-se dado ao novo município o nome de Dalbérgia, que seria o ‘nome da filha mais velha do cacique dos bugres Eduardo de Lima e Silva Hoerhan” (FROTSCHER, 2003, Apud COSTA; SECCHI, 2011, p. 68)

Os primeiros imigrantes chegaram à Colônia Hamônia em 1899. Na primeira década, a colônia enfrentou dificuldades típicas do processo colonizador, como desentendimentos entre colonos e a direção da Sociedade Colonizadora,

dificuldades relacionadas aos riscos de ataques dos índios da região e os efeitos da propaganda feita por agentes da imigração do Chile e da Argentina. Contudo, após ser inaugurada a estrada de ferro em 1909, a situação foi melhorando gradativamente (RICHTER, 1992, p. 70).

Diversos autores analisaram com propriedade a imigração alemã em Santa Catarina, referindo que a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, depois Hanseática, teve como propósito, desde o início da colonização, a formação de uma comunidade etnicamente homogênea de acordo com as noções do *Volkstum* e *Deutschtum*. A primeira aproxima ideias como povo, cultura e nação, expressando que a nacionalidade de um indivíduo não diz respeito ao seu local de nascimento, mas a sua ascendência, cultura e língua, segue assim, o princípio do *jus sanguinis*. Por sua vez, a ideologia do *Deutschtum* pode ser traduzida como nacionalismo alemão ou germanismo e “tinha a não-assimilação como proposta central de seu programa” (GERTZ, 1987, p. 101).

No distrito de Hamônia, poucos eram os falantes da língua portuguesa, questão abordada na obra “A inserção da língua portuguesa na Colônia Hammonia” (WIESE, 2003). A língua escrita e falada era o alemão, e o catolicismo dividia espaço com a religião luterana; Hamônia era, assim, um núcleo “alemão” no interior de Santa Catarina. Os próprios diretores da Sociedade Colonizadora Hanseática e o Cônsul da Alemanha em Florianópolis viam na “imigração alemã para Blumenau um dos meios para se fortalecer o *Deutschtum* no município e no estado, valorizando uma ocupação dos espaços baseada na segregação étnica” (COSTA; SECCHI, 2011, p. 36). Em Hamônia, até mesmo imigrantes suíços sentiam-se discriminados, pois a dominação econômica e política do grupo de origem alemã se impunha também simbolicamente, em 1914 a Colônia *Neu-Zürich*, que pertencia a Hamônia, teve seu nome alterado para *Neu Breslau* (BARTEL, 2017).

Por outro lado, de acordo com os relatos de José Deeke, Diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, as festividades e comemorações em Blumenau e região tinham como referência o ambiente interno, isto é, estavam relacionadas ao cotidiano dos próprios colonos e não há fatores externos (DEEKE, 1995).

No final dos anos 1920 e início da década seguinte, novas concepções políticas chegaram à região. Movimentos políticos ocorridos na Alemanha eram

acompanhados de perto por imigrantes e seus descendentes, radicados em Hamônia, e muitas informações eram obtidas através do rádio. Entre os anos de 1928 e 1929, ocorreram as primeiras manifestações do Partido Nazista (NSDAP - *National Sozialistische Deutschland Arbeiter Partei*), no Vale do Itajaí, em Timbó, Bela Aliança e Blumenau, jornais de circulação local, como o *Blumenauer Zeitung*, de Blumenau, atuavam como porta-vozes dos núcleos locais do partido.

A partir de 1933, com ascensão de Hitler ao poder, o partido nazista no exterior passou a receber capitais oriundos da Alemanha. No Brasil, o partido realizava seções municipais e distritais, contendo uma relação extensa de atividades a serem exercidas: lazer, esportes, boicotes sociais econômicos a opositores, exercícios paramilitares, saudações hitleristas, juramentos de fidelidade ao III Reich.

Em Hamônia, a sede do Partido Nazista se localizava no bairro Nova Berlim (atual Bela Vista), onde havia um agrupamento bastante atuante que participava de diversas solenidades. A bandeira nazista aparece em diversas fotografias localizadas no Arquivo Público Municipal de Ibirama, no lançamento da pedra fundamental para construção do prédio Hansahöhe, na igreja luterana de Nova Bremen (atual bairro Dalbérgia), no enterro de um membro da NSDAP, em 1934, e no desfile do dia do colono, realizado em julho de 1937. O núcleo local do partido também organizava festejos diversos para comemorar o dia 1º de maio e o aniversário de Hitler.

Décadas de 1930 à 1960: a desarticulação da noção de *Deutschtum*

Em outubro de 1932, a partir da publicação do Manifesto Integralista, escrito por Plínio Salgado, surgiu o movimento integralista no Brasil, que cresceu exponencialmente em número de partidários nos anos seguintes. Em Santa Catarina se concentrava o terceiro maior contingente de adeptos da Ação Integralista Brasileira (AIB), atrás apenas de São Paulo e Bahia. Teoricamente, Integralismo e Nazismo eram incompatíveis, sendo o primeiro uma ameaça ao *Deutschtum*.

Ao considerarmos que estudos sobre as relações entre Nazismo e Integralismo divergem entre si e, também, a complexidade do tema, não é nosso propósito adentrar no mérito desse debate. Portanto, interessa-nos enfatizar que se havia

distanciamentos entre partidários de um e outro movimento, por outro lado, também havia cooperação entre ambos, sendo esse o caso na Colônia Hamônia.

Os primeiros núcleos da AIB foram fundados em Santa Catarina no começo de 1934, em Joinville, Blumenau, Itajaí e Florianópolis e depois em outros municípios. Havia uma militância integralista bem organizada em Hamônia, onde o movimento iniciou em setembro de 1934, quando integralistas de Blumenau vieram difundir suas ideias em Hamônia (WIESE, 2007). Em Santa Catarina, o Integralismo, grande vitorioso das eleições de 1936, elegeu 8 prefeitos nos 43 municípios existentes, em Ibirama foi eleito para o cargo de prefeito o integralista Frederico Schmidt.

Com a implantação do Estado Novo, em novembro de 1937, e com a Campanha de Nacionalização no ano seguinte, alterações radicais afetaram a vida dos estrangeiros radicados no Brasil e seus descendentes, igualmente, agremiações político-partidárias foram severamente atingidas. Em 18 de abril de 1938, por meio do Decreto Lei n. 383 todos os partidos políticos estrangeiros foram proibidos de funcionar, sendo proibido, hastear, ostentar ou usar bandeiras, flâmulas e estandartes, uniformes, distintivos, insígnias ou quaisquer símbolos de partido político estrangeiro, bem como organizar desfiles, passeatas, comícios e reuniões de qualquer natureza. Situação que se agravou para os imigrantes alemães com o corte das relações diplomáticas entre o Brasil e os países do Eixo, em janeiro de 1942.

As colônias de imigrantes passaram a sofrer com a interferência através da intervenção estatal nas instituições públicas e privadas. Em Ibirama, a intervenção deixou suas marcas, de forma que são traumáticas as lembranças das gerações mais velhas sobre esse período. Faz parte da memória coletiva de Ibirama as prisões ocorridas no município e o encampamento da escola alemã por parte da ditadura varguista. Contudo, a ação e o sucesso dos agentes governamentais, em parte, deve ser relativizada devido o isolamento geográfico do município e o fato de não ser o centro político, econômico e cultural da região, posição esta ocupada por Blumenau.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), outra forma de identidade germânica ganhou força, uma identidade teuto-brasileira mais vinculada com questões locais e à trajetória dos imigrantes e seus descendentes, a qual se distanciava da ideia de *Deutschtum* e das associações que se faziam com esta

noção. O período compreendido entre as décadas de 1930 e 1960 parece ter sido um divisor de águas nos municípios originários da Colônia Hamônia. Nesse contexto, o *Deutschtum* passou a ser associado com critérios de pureza racial e em última instância com o próprio Nazismo. Assim, a aproximação com outras identidades como “teuto-brasileiro”, “imigrante” e até mesmo “suíça” adquiriu maior força contribuindo para reconstrução da imagem da comunidade local a partir da reelaboração da identidade de origem germânica desvinculada da noção de *Deutschtum*.

No período pós-1945, poucos são os registros relacionados ao *Deutschtum*. Em um periódico dos anos 1950, são enfatizados outros aspectos da cidade, muito distantes daquilo que se vivia nos anos 1930. Conforme o periódico, “a população ibiramense é um misto de lusos, alemães e ítalos, todos irmanados num ambiente de brasilidade” (FOCALIZANDO, [1956?]). Também, a memória da cidade expressa através de monumentos remete para questões totalmente diversas das anteriores. Em 10 de março de 1948 foi criada no centro da cidade a Praça “Expedicionário Lindo Sardagna”, soldado brasileiro residente em Ibirama que tombou nos campos de Batalha, em 12 de dezembro de 1944, em Abateia, na Itália, na Praça consta um busto de bronze do soldado. Outro busto de soldado que lutou contra as forças do Eixo, o do “Expedicionário Jacó Zermiani”, encontra-se no pátio dos Correios no bairro Dalbérgia.

Os dois bustos parecem indicar uma virada radical na identidade cultural do município, se antes Nazismo e Integralismo faziam parte do cotidiano, das festividades e relacionavam-se com a germanidade, no pós-guerra as homenagens aos soldados informam que Ibirama lutou ao lado do Brasil contra o nazifascismo. Ou seja, a nova identidade ao combater os inimigos brasileiros, também combatia o passado recente do município. Para isso, novos marcadores identitários foram buscados no interior da própria comunidade e não fora.

Nesse cenário, passam a ser exaltadas as ações dos imigrantes, suas características e festividades e os feitos da Sociedade Colonizadora Hanseática são vistos através de sua capacidade empreendedora e relacionados ao desenvolvimento de Santa Catarina e do Brasil e não aos interesses da Alemanha e

seus investidores. No município encontram-se bustos de bronze, nomes de ruas e praças públicas que homenageiam seus colonizadores.

No centro da cidade, localiza-se o busto de José Deeke, diretor da Sociedade Colonizadora. Em 24/08/1951, a comunidade de Ibirama homenageou José Deeke como forma de “reconhecimento e gratidão, atribuindo o seu nome à praça pública, na qual em 20/04/1952, sobre herma, erigiu o seu busto, perpetuando-o junto à memória dos valorosos pioneiros colonizadores de sua cidade” (DEEKE, 1995, p. 7). A esposa de José Deeke, Senhora Emma Deeke, também foi homenageada com a designação de seu nome para o atual município de Dona Emma, localidade então pertencente à jurisdição colonizadora de seu marido. No ano seguinte, em abril de 1952 foi a vez de se homenagear o Pastor luterano Paul Aldinger, também através de um busto de bronze.

O museu local, denominado Eduardo de Lima e Silva Hoerhan – situado no “imponente” Prédio histórico *Hansahöhe*, símbolo da cidade, - conta a história da cidade através da industrialização na região associada à Sociedade Colonizadora Hanseática. São apresentados a primeira cervejaria, a trajetória da Farmácia Müller e a estrada de ferro, igualmente, são lembrados os imigrantes, suas ferramentas de trabalho e lazer. Nesse contexto, também estão situados os indígenas que ocupavam a região, bem como a religiosidade, através de duas salas destinadas à memória religiosa, católica e luterana. Também, a arquitetura possui relação com a história e identidade de seus habitantes, a antiga prefeitura, atual Arquivo Histórico, a Igreja Luterana e as casas enxaimel compõem esse conjunto e ajudam a caracterizar uma identidade teuto-brasileira.

Uma identidade idealizada: Blumenau e a nova identidade de origem germânica

Em diferentes *sítes* da internet é possível encontrar notícias sobre o Vale Europeu que “mais parece um vale encantado”.² No entanto, não se trata só de aparência, pois “o encantamento é reforçado pela arquitetura da cidade, pelos trajés

2. Circuito de cicloturismo revela a natureza exuberante do Vale Europeu. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2016/02/circuito-de-cicloturismo-revela-natureza-exuberante-do-vale-europeu.html>>, acesso 28/02/2018.

típicos e pelas princesas e príncipes louros que parecem ter saído das ilustrações de contos de fadas dos irmãos Grimm” (FLORES, 1997, p. 32).

Tal processo não se constituiu naturalmente, foi fruto de uma construção identitária estrategicamente planejada. “Conheça a Europa sem sair do Brasil” foi um dos *slogans* que promoveram Blumenau e ajudaram na construção distintiva dessa identidade. A Comissão Municipal do Turismo foi o lugar institucional desta invenção, os novos sujeitos sociais fizeram interpretações para “construírem a cidade germânica e, desta forma, nós nos deparamos com uma cidade-imaginação, feita de imagens, cidade que funciona para comunicar” (FLORES, 1997, p. 69-70).

A arquitetura identitária contribuiu para caracterizar o novo cenário da cidade-turismo, da cidade-étnica, a cidade é limpa e iluminada, higiene é outra característica de distinção, o descendente alemão é alegre e empreendedor, preocupado em manter sua cultura e tradições. Assim, novas formas de ser, agir, de se vestir e se comportar foram estabelecidas pela Comissão Municipal de Turismo de Blumenau por meio de uma pedagogia voltada para a estética e o turismo, nesse processo:

O Gerente do Grande Hotel, Sr. Armando Dutra, foi convidado a responder sobre irregularidades no atendimento aos hóspedes, dando explicações na reunião de 1º/07/1969 sobre o atraso no café, a ausência de funcionários na portaria à noite e sobre a limpeza nos apartamentos. Em 15 de julho, a Comissão reuniu-se no próprio hotel, quando a diretoria justificou os problemas do mesmo (FLORES, 1997, p. 69-70).

No final da década de 1960 e início dos anos 1970, Blumenau se movimentou no sentido de inventar uma tradição, e por extensão, uma identidade germânica idealizada, que se difundiu pelo Alto Vale do Itajaí como padrão e referência cultural a ser seguida. Essa herança identitária define o que é “ser alemão”. Nessa perspectiva Blumenau é uma autêntica cidade-étnica, seus cidadãos, de origem alemã, são “ordeiros e trabalhadores”, *slogan* reproduzido exaustivamente no Alto Vale.

O sucesso desse empreendimento é inegável, primeiro por se acreditar que essa construção identitária reflete fielmente as tradições dos antepassados, naturaliza-se assim essa identidade que adquire vida própria. O segundo motivo que

evidencia esse sucesso é o fato desse modelo identitário criado em Blumenau ter sido “exportado” e incorporado por outras cidades de origem alemã.

Longe de querer mostrar os procedimentos feitos para essa construção identitária, através da memória que idealiza o passado, trabalho que já foi feito de forma exitosa por outros pesquisadores, a presente proposta tem por objetivo analisar como essa ideia de germanidade se expandiu por outros municípios, no caso em estudo, em Ibirama, e quais dificuldades encontradas para sua incorporação.

Esse novo padrão identitário exportado para outros municípios da região aportou em Ibirama após sua consolidação na Oktoberfest de 1984, o ponto culminante que restabeleceu o orgulho de “ser alemão”. Em 1981, quando essa identidade se ensaiava por outros municípios, Ibirama inaugurava no bairro Bela Vista a Praça Franz Blohm “pelos relevantes serviços prestados à educação ibiramense”. Não é por acaso, que após a primeira Oktoberfest, proliferaram inúmeras festas típicas no Vale do Itajaí, seguindo como padrão o modelo identitário de germanidade blumenauense. Contudo, engana-se, quem acredita que esse modelo teve como objetivo um viés político, no sentido de apagar um passado que não vale a pena ser lembrado. O objetivo principal foi o econômico, voltado para o comércio e turismo, que, por sua vez, acabou por apagar a memória indesejada e reforçou o reavivamento identitário.

Considerações Finais

Há inúmeras incongruências entre a identidade germânica criada em Blumenau nos anos 1960/1970 e a identidade teuto-brasileira reelaborada em Ibirama, a qual havia percorrido diferentes caminhos, ao se desvincular de aspectos traumáticos como o nazismo e o integralismo e ligar-se à imigração. Atualmente, se refere que em Ibirama não se preserva a cultura alemã, portanto, não há alemães como em Blumenau.

No início dos anos 1990, o padrão criado em Blumenau aportou em Ibirama através do *Weihnachtsmarkt*, o mercado de Natal, pouco celebrado atualmente.

Exemplo disso é evidenciado através da justificativa para criação do evento natalino no município, a comunidade traçou os seguintes objetivos:

a) desenvolver um evento turístico com forte poder de atração e de divulgação das potencialidades de Ibirama; b) desenvolver um evento com características tradicionais e religiosas com grande poder de motivação da cultura popular ibiramense; c) desenvolver junto à comunidade o espírito de participação e por consequência a auto-estima; d) desenvolver maior incremento do comércio da cidade no período que antecede o Natal; e) acrescentar à suntuosa paisagem de Ibirama, privilegiada pela natureza, a criatividade humana, harmonizando-a como quem, com alegria prepara no período do advento o seu lar, o seu jardim, a sua casa comercial, a sua repartição pública e, principalmente os corações, para receber Cristo (WIESE, 2003, p. 140).

Por que a comemoração não manteve a mesma performance ao longo dos anos? Seria por que a festa está mais próxima da concepção identitária blumenauense e não das tradições do município? O mesmo vale para *Stammtisch* do município vizinho, Presidente Getúlio, festa tradicional alemã, que ao trocar o governo municipal deixou de ser comemorada, sem nenhuma voz para lembrar da festividade.

Em Ibirama, o padrão cultural gestado em Blumenau parece não ter chegado por inteiro, esbarra em outras concepções identitárias e na memória local. Pois, ainda que existam opções de turismo ambiental e ecológico, Ibirama não é uma cidade turística e a memória coletiva do município está umbilicalmente ligada ao passado reelaborado da colonização, que parece impedir o surgimento de uma outra identidade que não aquela decorrente desse passado. Parece assim não querer negociar no sentido de construir uma identidade consensual, senão aquela ligada ao passado da colonização.

Por fim, há ainda um outro viés, há um dito popular que refere “quem manda em Ibirama são os italianos”. Ou seja, além de não ser uma cidade turística a festa étnica alemã não encontraria ressonância entre os dirigentes (e também parcela da população do município), que dividem espaço com os homenageados da colonização. Trata-se de um dito do senso comum, porém possui relações com a realidade, pois o parque de eventos do município, a SC-340, uma das principais vias de Ibirama, levam o nome de Manoel Marchetti, família de origem italiana do ramo madeireiro que governou a cidade por várias vezes. Desde os anos 1950, famílias

de origem italiana, aparecem como detentoras do poder político e econômico. Não se trata aqui de dizer que seus objetivos eram outros e não a preservação do patrimônio cultural alemão, mas sim que eram alheios, e até mesmo, indiferentes a essa cultura.

Em Ibirama e nas cidades que se desmembraram do município, a discussão acerca da negociação da identidade e da distinção de origem germânica encontra-se aberta. Fator esse que tem contribuído, por um lado, para produção de muitas pesquisas e estudos e, por outro, para a invenção de mitos e tradições por parte dos próprios atores analisados nesse trabalho.

Referências bibliográficas:

BARTEL, Carlos Eduardo. História e memória da imigração suíça no Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina: da fundação de Neu-Zürich (1904) aos dias atuais, p, 1-17, In: **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História – contra os preconceitos: história e democracia**, Brasília/DF: ANPUH, 2017.

COSTA, Alberto Coelho Gomes; SECCHI, Nelson (Coord.) **Hansahöhe: o espírito do camponês, o júbilo do médico, o tormento do prisioneiro e outras histórias ao redor de sua construção**. Ibirama/SC: Edigrave, 2011.

DEEKE, José. **O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do Chopp**. Letras Contemporâneas, Florianópolis, 1997.

FOCALIZANDO Ibirama e Ituporanga. **Edições Focalizando**. s/l: Paulista-Catarinense, s/d [1956?].

GERTZ, René E. **O Fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

RICHTER, Klaus. **A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do interior de Blumenau e Joinville**. 2ª ed. rev. e ampl. [1ª Ed. 1986] Florianópolis UFSC; Blumenau: FURB, 1992.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

_____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas/RS: E. ULBRA, 1994. p. 11-27.

WIESE, Harry. **A inserção da língua portuguesa na Colônia Hammonia**. Ibirama: Edigrave, 2003.

_____. **Terra da fartura: história da colonização de Ibirama**. Ibirama: Edigrave, 2007.